

Rafael Henrique Teixeira-da-Silva

Pós-doutorando (PNPD) do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer-UFMG, doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
rafahts@hotmail.com

Geografia e fenomenologia: o patrimônio em aberto

Resumo

Como apreender o patrimônio em sua essência? Essa foi a pergunta inicial que nos fizemos e que impulsionou as explorações realizadas na cidade de São Cristóvão/SE. Desse modo, caminhamos com a proposta de uma poética geográfica, baseada numa fenomenologia bachelardiana e na experiência enquanto escala epistemológica. Nesse sentido, pelo ato de caminhar através da cidade, nos tornamos disponíveis para que o patrimônio local se revelasse. Ao alternar momentos de movimento e de quietude, mantivemos uma atitude de serenidade oportuna para deixar as coisas aparecerem como elas são. Paramos de buscar conceitos e formas para apenas possibilitar que o patrimônio viesse até nós. Abandonamos o pensamento calculador e técnico pelo pensar criativo e poético. Assim, ao cessar de perguntar pelo seu sentido fomos em busca do patrimônio apresentado pleno de sentido, para então nos tornarmos parte dele. Um patrimônio que só se revela ao se realizar, não ao se negar.

Palavras-chave: Patrimônio, São Cristóvão/SE, Poética, Fenomenologia.

Abstract

GEOGRAPHY AND PHENOMENOLOGY: CULTURAL HERITAGE IN OPENNESS

How to capture heritage in its essence? This was the initial question that we asked ourselves and which stimulated the explorations carried out in the city of São Cristóvão/SE (Brazil). In this way, we follow up with the proposal of a geographical poetics, based on a Bachelardian phenomenology and on the experience as an epistemological scale. In this sense, through the act of walking through the city, we became available for the local heritage to reveal itself. By alternating moments of movement and stillness, we maintained an attitude of providential serenity to let

things appear as they are. We stopped looking for concepts and ways to only allow the heritage to come to us. We abandoned calculating and technical thinking for creative and poetic thinking. Thus, we ceased to ask for its meaning and went in search of the uncovered heritage full of meaning, to become part of it. A heritage that is revealed only when it is performed, not when it is withheld.

Key-words: Heritage, São Cristóvão/SE, Poetic, Phenomenology.

1. Arrebol do sol nascente

Pensamentos poéticos nos perseguem. Mas não são quaisquer pensamentos, são pensamentos poéticos-patrimoniais, pensamentos poéticos-geográficos, pensamentos poéticos-telúricos. Seria apenas uma dessas vertentes ou todas ao mesmo tempo? Não sabemos. Porém, sabemos que tais pensamentos nos levaram a trilhar pelo labirinto íntimo do universo patrimonial.

Ao buscar pela essência do patrimônio, adentramos com a proposta de uma poética geográfica, baseada na experiência enquanto escala epistemológica (MARANDOLA JR., 2016) e na fenomenologia poética de Gaston Bachelard. No entanto, algumas dúvidas ressoaram ao estabelecer um objetivo tão ambicioso e complexo. Como não recair em alguma forma de hermenêutica tradicional tão cara às humanidades? Como escapar da imagem cartesiana do mundo? De que maneira se esquivar do paradigma sujeito/objeto? Para tal, nos propusemos buscar repensar a construção do conhecimento. Um conhecimento fundado na experiência estética do patrimônio e guiada pela reconciliação entre sujeito e objeto.

Ao nos afastarmos da *doxa* construtivista, a imaginação poética bachelardiana se apresenta enquanto uma promessa para reestabelecer o contato com o mundo, para além do paradigma cartesiano e dos limites da interpretação. Buscamos reiterar a substancialidade corpórea e as dimensões espaciais da existência humana (GUMBRECHT, 2016).

Destarte, nosso objetivo foi o de apreender o patrimônio da cidade de São Cristóvão/SE em seu sentido fundamental, entre sua natureza total e sua função mediadora. Um patrimônio que, além de ser construído, a seu modo, também constrói e busca ressonância junto às pessoas que dele fazem parte (GONÇALVES, 2003; 2005).

Nesse sentido, para apreender o patrimônio em seu âmago, desenvolvemos *itinerários geográficos* fundados no ato de conversar, caminhar, participar, atravessar e ser atravessado pelos patrimônios encontrados (BACHELARD, 2006). Os itinerários se tornaram uma verdadeira instrução por meio de uma construção (BACHELARD, 1988b), através de um caminhar interrogativo e questionador que se desenrolou em São Cristóvão/SE.

2. Poética do patrimônio e a estrela de três pontas

Para construir nossos itinerários patrimoniais e compreender o mundo geograficamente (DARDEL, 2011) buscamos superar obstáculos rumo a geografias renovadas (GRATÃO, 2014). O patrimônio, aqui entendido como um elemento fundamental da geograficidade, foi delineado pela indicação ou projeto de percursos e o respectivo esboço de experiências, sejam elas reais ou imaginadas, pessoais ou coletivas.

Para além da poética e dos devaneios bachelardianos, nossos itinerários tiveram forte influência do surrealismo. Entendido como uma atitude do espírito humano, o surrealismo busca resolver a arcaica oposição entre o *eu* e o *mundo*, dando vida a objetos que são interiores e exteriores ao mesmo tempo. Apoiado na tríade *liberdade, amor e poesia*, buscamos um conhecimento poético que reconciliasse pensamento e ação, palavra e coisa, ressaltando a imaginação como a mais científica das nossas faculdades (PAZ, 2017).

Assim, damos início ao nosso primeiro percurso possível... uma caminhada de quase dois quilômetros feita a passos lentos, que teve início na antiga fábrica de tecidos (figura 1). Sob o forte sol de verão procuramos o frescor da sombra de uma das duas árvores que existem em frente à fábrica. Pelos gradis de ferro podemos ver alguns poucos trabalhadores que retornaram à oficina após sua reabertura há alguns anos. A fábrica nos remete ao habitar onírico, à importância que ela ostentou na vida dos trabalhadores e que, ainda hoje, é sentida nas vozes docemente saudosas das pessoas que, de alguma forma, desenvolveram suas vidas no entorno desse ambiente de trabalho. Aqui, o passado torna-se presente, um passado que não é nosso, mas que penetra nossas almas e provoca devaneios intermináveis.

Quantas famílias sertanejas se deslocaram para São Cristóvão quando da inauguração da primeira indústria têxtil que ali se instalou. Palavras que não têm margens propiciam o enredo cultural ativo que acompanhava as centenas de operários e suas famílias. O patronato fornecia subsídios para a realização do carnaval, do São João e dos times de futebol. Este último era jogado em campos mantidos pelas fábricas, onde a bola rolava entre trabalhadores e desocupados (SACRAMENTO, 1980). Os filhos dos operários também se aproveitavam do relvado, jogando com bexigas de boi cheias de ar (AMADO, 1934). Das partidas realizadas aos domingos saíram nomes que destilavam brilhantismo e mantiveram-se vivos no imaginário das pessoas, como o habilidoso centroavante Zeca Tennisson, que por inúmeras vezes liderou a seleção sergipana nos gramados (SILVEIRA, 1988).

Figura 1
ANTIGA FÁBRICA SÃO CRISTÓVÃO, ATUAL INTERGRIFFE'S



Fonte: TEIXEIRA-DA-SILVA, 2015.

Mais que a prosperidade econômica, as fábricas proporcionavam aos trabalhadores a impressão de estarem abrigoando, de fornecerem segurança, como se as pessoas pudessem tomar posse de um mundo que lhes pertence. Para os operários sonhadores, a fábrica é mais do que o sustento, é um lugar que responde pelo seu ser, por seus sons e olhares, é um sopro de vida sentido por gerações:

Falar de São Cristóvão
É mergulhar no passado
Um passado que não passou
É se viver lado a lado
Com a cultura nordestina
Em uma cidade que nos ensina
A valorizar e ser valorizado

[...]

Satisfação em dose dupla
Retornar ao meu estado
Rever a minha família
O apito da **Fábrica Pedro Amado**
O apito da **São Gonçalo**
Ouvir o cantar do galo
E o salário dobrado.

<Alda Cruz. São Cristóvão que vi e vivi (2016)>

Do rio Paramopama a fábrica São Cristóvão extraía forças para seu funcionamento. Além de fonte de energia o rio também fornecia lenha e o escoamento da matéria-prima (SILVA, 2017). Muitos pescadores e marisqueiras foram acolhidos pelo rio após o fechamento da fábrica. A partir desse elemento tão transitório que é a água, ou seja, da liquefação das substâncias terrestres (BACHELARD, 2013b), vários moradores ainda tiram sua subsistência.

Aracaju, Alagoas e Bahia foram alguns dos destinos (SILVA, 2009) das pessoas que deixaram a cidade com o coração carregado de saudade e desorientadas pela busca de um novo caminho, num genuíno labirinto dos sonhos. Mesmo com a diminuição das atividades ou seu encerramento definitivo, as fábricas imprimiram uma maneira de ser nos sancristovenses. Hábitos, modos de vida, práticas (BESSE, 2014) que ficaram enraizadas nos moradores e em sua arte de habitar a cidade. Elementos que nos desbravam e remetem incessantemente à vida operária. Ainda hoje, muitos continuam sua existência como se estivessem incrustados, como ostras, nas paredes

da fábrica. Agora sim podemos dizer que a fábrica é “um caixão branco cheio de ruídos” (AMADO, 1934, p. 6), porém, sem vida.

Sentimos que a arte de habitar a cidade foi modificada pela chegada das fábricas, de modo que seus ecos ressoam ainda hoje. O legado operário deixou muitos poetas de mãos moldantes, que aspiram por trabalhar carinhosamente a matéria. Se no *descomeço* São Cristóvão era Tupinambá, Caeté e Kiriri, no começo ela era sertaneja, fabril e operária, e no recomeço é artística, poética e artesã. Talvez seja esse o motivo da angústia causada pelo eterno vir a ser polo turístico, que aflige tantos moradores.

Como andarilhos, seguimos nossa caminhada, sentido sul, em direção à cidade-alta. Cruzamos a linha de ferro, e um silêncio de fim de mundo vai ficando para trás. A cidade vai ganhando mais movimento, comércios de todos os tipos surgem dos dois lados da Rua Marechal Deodoro. De frutas a fotos 3x4, de cosméticos a casa de móveis, de supermercado a serralheria, um pouco de tudo se encontra nesta rua. A cada passo aumenta a densidade do ar, a impressão é a de que houve um dilúvio de pessoas, automóveis e motocicletas.

Em poucos minutos estamos no G-Barbosa, importante mercado da cidade e o único local onde existe um caixa eletrônico 24 horas. Dois restaurantes e um açougue depois, alcançamos o Mercado Municipal e logo na entrada já enxergamos o gosto da cidade. O mercado tem cheiro de amanhecer, tem o sabor amoroso do almoço caseiro. Logo cedo o movimento já é grande, muitos vão em busca dos alimentos e condimentos que vão compor a mesa do dia.

Macaxeira, inhame e batata. Coco, milho, farinha de mandioca ou tapioca. Tripas e miúdos de bois. Para os apreciadores também tem guaiamum, aratu e sururu. Sal, pimenta e coentro, muito coentro! Jenipapo, mangaba, caju e umbu. Da mistura desses alimentos podem ser compostos vários pratos: ingrediente principal, acompanhamento, temperos e a bebida para refrescar. No mercado nos deparamos com vários sabores que descortinam o lugar (CAVALCANTE, 2016) e apresentam a abundância da culinária sancristovense.

No mercado degustamos sabores que brotam da terra e revelam sancristovidade. São alimentos que expressam paisagens, lugares e pessoas (GRATÃO, 2014). Com os ingredientes encontrados preparam-se refeições

que reúnem todos os elementos: terra, água e ar. Não nos esqueçamos do fogo que faz o cozimento. Que bela imagem telúrica esta merenda proporciona, um devaneio que totaliza o sonhador (BACHELARD, 2013a).

Após esse encontro saímos nutridos de corpo e alma. Para além dos mantimentos, os olhos se alimentam da vida que ali jorra. No mercado saboreamos mais do que a comida, sentimos o gosto do cotidiano desse lugar. Além das compras do dia a dia, nele presenciamos crianças correndo pelos corredores e em cima dos balcões, jovens senhores jogando baralho, pessoas de todas as idades que aproveitam o mercado e seus arredores para confraternizar. Um espaço verdadeiramente habitado, que traz a noção de casa. Que nos permite sonhar em paz.

Na saída do mercado, cortamos caminho pela Rua Pedro Pereira Prado. Rua pavimentada com pedras portuguesas – sem os típicos mosaicos de algures – e fechada para os veículos automotivos. Seguimos seduzidos pela superfície e buscando a verdade das profundezas (BACHELARD, 2003). Andamos em direção à Praça Lourival Batista, o calor é forte mesmo no inverno. O vento faz carícias em nosso corpo – ao passo que desenha mapas em nossa superfície, o frescor do mês de agosto também ameniza o mormaço.

Eis que subimos a primeira ladeira de nosso itinerário geográfico. Aqui o cansaço da caminhada começa a manifestar-se. Lassidão que devolve a habilidade de sermos afetados pelo mundo (BESSE, 2014) e que restitui o heroísmo da caminhada, outrora confiscado pelo automóvel. O tumulto e a algazarra da área mercantil vão se esvaecendo e dão lugar ao burburinho dos namoros e conversas na praça. Os edifícios mudam de feição, eles descansam. Neles, descansa também o ser do homem.

Possuídos por esse sentimento de resguardo, ingressamos na ladeira Epaminondas, também conhecida como Ladeira da Poesia. Aqui as ideias cantam com sotaque próprio. No decurso da subida, os braços da ladeira se apertam docemente contra nosso peito e acalentam nosso espírito. A ladeira oferece todo seu encanto quando nos abrimos para declamá-la, para senti-la. Ali residia um poeta, no beco da poesia, quanta ironia! Ali nos instalamos durante uma de nossas estadas na cidade, que alegria!

O poeta-historiador, que agora é escultor, foi quem nos abriu as portas de São Cristóvão. Como ele mesmo afirma, a poesia é seu chão, seu oxigênio. Militante da leitura, prefere a eufonia à rigidez da ortografia, e assim canta seus encantos pelo Beco da Poesia:

Vejo o mundo diferente...
Ciclope não, são outros olhos...
Nasci Poeta. É. Agora fazer o quê?
Semear palavras com sabores
ou amargar adjetivos e interjeições

São Cristóvão
sobe o centro histórico
tem a Ladeira da Poesia
que homenageia o poeta
nada mais óbvio na cidade musa

Métrica é o tamanho do passo
verso livre pra quem desce
ofegante, vencer os degraus, a subida...

José Augusto Garcez
no topo, a gente para
lembra seu nome na placa
vislumbra o horizonte
Senhor dos Passos, no Alto da Favela
guia dos meus passos
águia de voos rasos

[...]

<Thiago Fragata. Ladeira da Poesia ao Morro do Cristo (2015)>

Ao se aproximar da Praça da Matriz (ou Praça Getúlio Vargas), é quando a ladeira mais se afunila. Num canto da praça nos escondemos, confabulamos sozinhos nesse germe de aposento (BACHELARD, 1988a), que tem paredes, mas não possui telhado. Construimos uma habitação imaginária à nossa volta. Tomamos impulso para sair desse canto e percorrer caminhos arredondados.

Abandonamos o abrigo da morada e retornamos ao domínio público. A Praça da Matriz é um lugar de afetividade, uma paisagem que congrega, um território no qual diferentes comunidades alegremente se reúnem. Ela possui diversos ritmos no decorrer do dia: é calma e pouco povoada pela manhã; é jovial, brincalhona e desportiva pela tarde; é madura, barulhenta

e espirituosa pela noite. A qualidade de espirituosa a que nos referimos aqui é outra, proporcionada pelo Pisa Macio. Bebida típica de São Cristóvão, produzida nas horas vagas pelo Seu João Santa Rosa, que alegra as noites dos jovens e os carrega como música pela cidade:

Me leve pra bem longe em outro mundo
Só você pode levar
Velho, grande pisa, doce, amargo
Tanto faz eu tolerar
Canela, cravo e mel, limão, álcool
Pois me faça um favor
Me leve novamente com clareza
Onde só você me levou
Não importa se é calor ou frio
Desde que eu tenha o meu Pisa macio
Carmo, São Francisco, Matriz, Cristo
Tanto faz a gente estar
O que importa que é muito longe
Onde ele vai me levar
Não importa se é calor ou frio
Desde que eu tenha o meu Pisa macio

< Júlio Andrade (The Baggios). Pisa Macio Interestelar (2010) >

Sentados num banco no canto noroeste da praça, observamos o velho horizonte desabar sobre um prédio abandonado. É a antiga sede da prefeitura que se encontra interditada há alguns anos. Dali também avistamos a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, numa união entre terra e céu, divino e mortal (HEIDEGGER, 2001). A Matriz, enquanto união da quadratura, funde um lugar (MARANDOLA JR., 2012) na cidade de São Cristóvão. As duas torres azulejadas e o relógio enferrujado chamam a atenção pela peculiaridade (figura 2). A Matriz lembra-nos da capacidade do homem em produzir obras, feitos e palavras que permanecem (ARENDETT, 2016). É o meio pelo qual o ser humano pleiteia pelo direito à imortalidade e demonstra sua natureza demiúrgica.

Figura 2
IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA



Fonte: TEIXEIRA-DA-SILVA, 2017.

Contornando a praça, marchamos para seu outro extremo. No caminho nos deparamos com sabores da cidade na Casa da Queijada (figura 3). Somos sonhadores da culinária sancristovense que dela transborda. Sonhadores do preparo dos alimentos, ingrediente por ingrediente. Na falta do queijo para a tradicional receita, inventou-se uma nova. Dona Marieta recebeu de sua bisavó, que era escrava, as indicações para a elaboração dessa iguaria: coco, açúcar, margarina, cravo, ovos e farinha de trigo. Bate, junta, acrescenta e repousa. Enquanto isso, prepara-se a massa bem fina que vai levar a queijada. O segredo da receita está na consistência da queijada e no forno a lenha, sempre quente! O paladar é inigualável, mavioso, doce

como São Cristóvão. Pelo ato de comer – pelos sabores, aroma e textura – “experimentamos a intimidade material da crosta terrestre” (DARDEL, 2011, p. 15) que funda a realidade geográfica da antiga capital.

Figura 3
CASA DA QUEIJADA



Fonte: TEIXEIRA-DA-SILVA, 2017.

Saímos acalentados pela receptividade e, algumas pernadas à frente, já na esquina com a Rua Pereira Lobo, encontramos o sobrado de balcão corrido (figura 4). Sobre ele, Carlos Drummond declama: “O vasto balcão corrido na fachada do sobrado sergipano de São Cristóvão, que derramava sobre a cidade a importância social de seus proprietários” (ANDRADE, 2008, p. 7). Guarnecido por madeira esculpida e lampejos arabescos, o casarão colonial é muito mais do que um exemplar da colonização ibérica.

Paredes de adobe nos seduzem. No andar de cima, onde os medos se racionalizam, funciona a Secretaria de Cultura e a Fundação Municipal de Cultura e Turismo João Bebe-Água (FUNDACT); enquanto no andar inferior, no qual existem dois espaços culturais, participamos das potências subterrâneas, das profundezas da vida noturna (BACHELARD, 1988a). O rés do chão desse monumento abriga o interior de nosso ser, as lembranças da infância feliz.

Figura 4
CASARÃO DE BALCÃO CORRIDO - ESPAÇO CULTURAL



Fonte: TEIXEIRA-DA-SILVA, 2017.

No casarão temos contato com uma floresta da natureza íntima das coisas. Habitamos a felicidade do mundo entre utensílios e *inutensílios* (BARROS, 2015) que encontramos nos dois espaços culturais, onde artistas e artesãos expõem seus trabalhos. Com origem nos sonhos, nas vivências e nos talentos dos sancristovenses, nascem bonecas e bolsas, toalhas e tapetes. Fuxicos e bordados costuram o espaço das bonequeiras, sempre movimentado pelo trabalho e por uma boa roda de conversa, em meio aos poucos turistas que visitam o local. O cômodo ao lado, dedicado à cordelista Alda Cruz, é uma homenagem à memória e à imaginação. O ferro é a brasa, o filtro é de barro e a máquina, de escrever. Entre petecas e peões, estão expostos seus cordéis e o título de cidadã honorária de São Cristóvão. Em sua literatura, as experiências de quase oitenta anos viram versos nos “jornais do sertão”:

Agulha e linha na mão
sobras de renda e bico
os retalhos dos vestidos
não os coloque no lixo
em luxo irão se transformar
isso se chama FUXICO

< Alda Cruz. Fuxicar é arte (2016) >

Neste espaço cultural temos a impressão de que algumas coisas devem ser apreendidas na escala da proximidade. Nele vivenciamos experiências que não são somente externas, mas também internas. Memórias de pensamentos que tivemos, de devaneios que sonhamos, de lugares que nunca visitamos e de pessoas de que somente ouvimos falar. Aqui a imaginação abre perspectivas antes impensáveis. O uso no sentido social, o uso comunitário, dinamiza este lugar. A vontade criadora e os fazeres populares irrompem como verdadeiros bens culturais. O que absorvemos vai além de uma tendência de conservar, de reter, existe uma vontade em instigar, em provocar e em devolver (MAGALHÃES, 1997).

No casarão de balcão corrido encontra-se entrelaçada a tríade das atividades humanas fundamentais. O trabalho, por meio do qual o homem supre suas necessidades fundamentais; a obra, que atinge sua finalidade com a elaboração dos utensílios e assegura um mundo de coisas; e a ação, que ocorre diretamente entre seres humanos, sem intermédio de elementos materiais (ARENDDT, 2016). Aqui, como ao longo de nosso itinerário, temos alguns indícios da essência do patrimônio, fundada na existência humana.

Para prosseguir com nosso trajeto é preciso fazer uma escolha. É preciso optar por um caminho dentre dois possíveis. De um lado, a Rua Cel. Erundino Prado, por onde passamos inúmeras vezes, tanto no Museu da Polícia Militar quanto no estabelecimento do outro lado da Rua, onde sempre fomos muito bem recebidos por Sócrates Prado. Licores, confeitos e artesanatos ficavam expostos na loja desse valoroso cidadão que transpirava sancristovidade e sempre lutou por melhorias na cidade.

A outra opção é seguir pela Rua Frei Santa Cecília, contornando a academia para fazer uma parada na fotocopadora de Seu Irênio. Entre

as ações reprodutoras inerentes a este espaço, manifesta-se a imaginação criadora, que supera a condição humana. Atrás de sua escrivadinha, esse simples senhor revela-se um engolidor de céus, que enxerga a germinação de mundos através de suas poesias. Seu Irênio (en)leva-nos pela cidade, nas alvoradas que desnudam as manhãs e iluminam os manguezais.

Algumas passadas adiante, na casa de número 54, Vesta Viana encontrava-se sempre aos cuidados de seu jardim. Despreocupada com acadêmicos, Vesta pintava seus pensamentos, suas imagens, ignorando empecilhos técnicos e conceituais. Sua espontaneidade lembra-nos que o homem é fruto do desejo e não da necessidade (BACHELARD, 2008). Ao romper com a razão, a luz sorri na superfície de seus quadros e o calor de suas obras nos penetra. Proporciona uma satisfação térmica, uma felicidade calorífica. A artista lembra-nos que o olho vê e que a lembrança revê, mas somente a imaginação *transvê* (BARROS, 2015). Com Vesta, transvemos o mundo.

Estão expostos os dois caminhos possíveis, dentre os mais curtos, até nosso próximo destino. Na diligência de buscar compreender de dentro para fora (RELPH, 2012) os lugares, as paisagens e os territórios, não conseguimos fazer a escolha entre as duas possibilidades. Por isso, deixamo-la ao leitor. Nesse momento nosso itinerário torna-se um roteiro do luar. Abandonamos por um instante a caminhada e flutuamos sob telhados sonolentos, até cair no “mundo quadrado” da Praça São Francisco.

Logo nos primeiros encontros com a Praça captamos os versos de Manoel Ferreira. “Idosa, risonha e tranquila”, na Praça espreitamos as origens da cidade. Para apreender a Praça São Francisco é preciso ouvir o silêncio das pedras, a fala das águas, as vozes do chão. Sob a única árvore que nela ainda resta, temos profundidades. Desse outeiro, que foi seu nascedouro, a cidade desceu ladeiras, se espalhou pelas encostas e foi à procura das esplanadas na cidade-baixa.

Na Praça apreendemos uma geografia sonhada, uma geografia dinâmica. Nela encontramos a Igreja e o Convento de São Francisco, habitando o lado norte; no outro extremo, o Museu Histórico de Sergipe e o seu braço direito, o sobrado do Iphan; a leste repousa o Lar e Colégio Imaculada Conceição, parcialmente ocupado pela Prefeitura; e a oeste saboreamos a cultura sancristovense na Casa do Folclore Zeca de Norberto e na Biblioteca

Municipal Lourival Batista (figura 5). Mais do que uma coleção de edifícios, a Praça abriga ninhos, é uma casa onírica que possui raiz e folhagem.

A São Francisco é tombada, tombada de saudades. A cordelista enfatiza: “pise forte que este chão é seu!” (CRUZ, 2016, p. 1). Nesta ágora o passado coexiste com o presente. Aqui, lembrar é um exercício de alteridade, que presentifica o ausente (RICOEUR, 2007). Um lugar de encontros e desencontros, onde encontramos a nós mesmos, uma paisagem da memória que não somente replica, mas que imagina:

Praça São Francisco das lembranças
O batismo foi na igreja
Primeiro beijo aconteceu ali, no banco da praça
Atrás da árvore ou à frente?
Tem um cruzeiro que abençoa todos

Praça São Francisco das lembranças
Não havia calçamento, era só terra e mato
Que virava lama com a chuva
Era menino e brincava de manja e pelada
Quando não tinha o reisado para entreter
nem o chefe do quarteirão a nos perseguir

Praça São Francisco das lembranças
Era na praça a quermesse
Era na praça o namoro
Quase tudo acontecia ali
No mundo quadrado da praça...

<Thiago Fragata. Praça São Francisco das Lembranças (2010) >

Figura 5
CASA DO FOLCLORE E BIBLIOTECA MUNICIPAL



Fonte: TEIXEIRA-DA-SILVA, 2017.

A Praça é vívida, brilhante e cheia de cores; a Praça é vivida, ela tem história e estórias; a Praça é vida, nela experimentamos geograficidade. Um lugar de cotidianidade, uma paisagem que fala-nos dos valores humanos, a Praça São Francisco é “[...] âncora espacial do ser-no-mundo” (MARANDOLA JR., 2012, p. 231). Para absorvê-la é preciso ser árvore, pois ela ensina do chão. A única árvore que ainda resta na Praça oferece proteção contra o sol. A sombra é deveras uma habitação (BACHELARD, 1988a). Embaixo dela o dia a dia se desenlaça, jovens sentam para conversar, idosos jogam carteadado, crianças se refrescam com água de coco, pessoas de todas as idades passam a caminho... “[...] no homem tudo é caminho” (BACHELARD, 2003, p. 163).

A Praça tem cheiro de verão. Nela afagamos casas tortas e sentimos os ritmos da cidade. Ganzá, zabumba e cuíca anunciam a chegada da Caceteira do mestre Rindu. A louvação a São João é entoada pelo mestre, tirador de versos, e a resposta vem dos brincantes, no refrão de saias rodadas. O sapateado não pode faltar! Umbigada tem também. Na música, na dança e nos versos a Caceteira é uma verdadeira poética do coco. Como o anoitecer, o grupo vai passando e alegria alastrando.

Não é só de Caceteira que a Praça é feita. Seja no ciclo junino ou natalino, as celebrações são uma consciência da inquietação. O som do

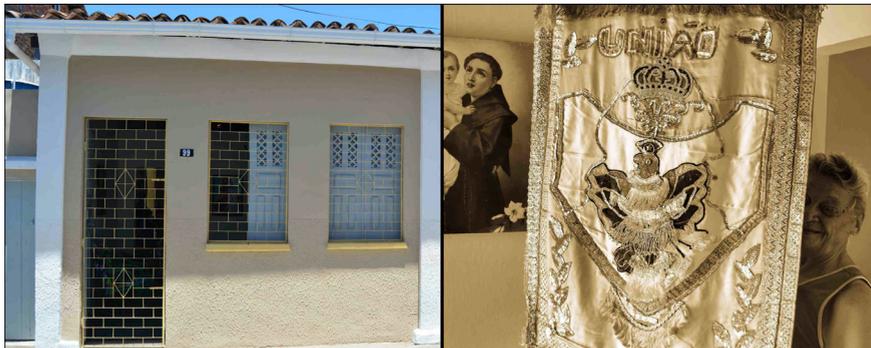
batuque do Samba de Coco de Maria Acácia dos Santos vem requebrando e sapateando. Chapéus, adornos e fitas florescem o Reisado de Satu, entre cânticos e “entremez”. Ao tom dos cantos dedicados aos Santos Reis, a Taieira do Seu Jorge fecha alas com muita festa. Num autêntico desfile de sancristovidade, as expressões culturais da cidade nos libertam dos arrebatamentos habituais e tornam-se um novo modelo de vida, de vivência ritmada.

Os elementos objetivos da Praça São Francisco são insuficientes para explicar nossos sentimentos. Desses encontros não existem avaliações, somente admirações, fonte primária e ardente de conhecimento (BACHELARD, 2003). Nesse instante, o solo de São Cristóvão nos desbrava e procuramos argumentos para justificar um envolvimento vital. Essa excêntrica *plaza mayor* de cantos aveludados e feições maternais é a primeira e a última morada, a origem e o destino de São Cristóvão. Nela participamos do verdadeiro retiro da vida enrolada e apreendemos seus ritmos.

Mesmo entregues ao mundo da Praça, à beleza que nos maravilha, é preciso deixá-la e seguir nossos percursos que falam. Numa verdadeira enunciação construída pelo ato de caminhar, seguimos pela Rua Erundino Prado, que, como uma serpente, tortuosa e esguia, se arrasta sentido sol nascente. Contornamos a entrada lateral da escola do Lar Imaculada Conceição e, ao seu lado, imóvel, uma residência bege, de grades amarelas e janelas azul-celeste, ou melhor, um tom de azul que é vontade de lucidez (BACHELARD, 2001). Nela Seu Jorge dos Santos (figura 6) mostra-nos alguns de seus belíssimos trabalhos que lhe renderam a alcunha de “Mestre Jorge do Estandarte”. Filho da terra, coordenou blocos carnavalescos patrocinados pelas fábricas de tecido nos anos 1950 e até hoje dedica-se aos grupos de Taieira, Reisado, Samba de Coco e Batalhão de São João.

A trilha sonora desse encontro é composta por um ou outro carro que passa na rua e o vozerio das crianças brincando no colégio. De fala cadenciada, Seu Jorge conta dos anos vividos no Rio de Janeiro e do período conferido às escolas de samba. O compasso de seu discurso é de um homem percorrido por culturas populares, que escava as profundezas sergipanas. No cerne de suas preocupações com a cultura, não se esquece do papel da educação. Questionador, Seu Jorge quer ultrapassar-se. Emprasta sua linguagem ao mutismo das coisas e por meio de seu palavreado vislumbramos as cifras de São Cristóvão, sua cultura e seus costumes.

Figura 6
RESIDÊNCIA DE SEU JORGE DO ESTANDARTE



Fonte: TEIXEIRA-DA-SILVA, 2015.

Sáímos mudados, não pelo conhecimento, mas pela consciência. Consciência de patrimônios que nos instruem, nos modificam (BACHELARD, 1996). Assim sendo, retornamos novamente ao patrimônio em busca de novas experiências que contemplem as transmutações celebradas.

Cinquenta metros adiante, o último ponto de nosso itinerário. Como sonhadores da terra e amantes de São Cristóvão, não poderíamos terminar em outra localização que não a Igreja do Rosário dos Homens Pretos (figura 7). Nossa preferência por ela sempre foi clara e os motivos eternamente incertos. Podemos oferecer algumas pistas. Mesmo nunca tendo pisado em seu interior, sonhamos com sua intimidade.

Figura 7
IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS



Fonte: TEIXEIRA-DA-SILVA, 2014.

Atravessar seu frontispício é como cruzar um rio. Porém, ao invés da liquefação, experimentamos a solidificação das substâncias terrestres de São Cristóvão. Um frontão triangular de linhas retas, uma porta, duas janelas e uma janela ocular, tudo em alvenaria de pedra. Rocha lapidada em concretude de solidão. Não há sonho que o arenito não realize (BACHELARD, 2013a). Sua fachada ainda é composta por um campanário baixo e retangular.

Pequena e aconchegante, temos vontade de abraçá-la. Adornos florais, algumas folhas e dois pássaros no entorno da porta transmitem a intuição de um calor íntimo, de um abstrato concreto. Uma síntese que encanta, que faz pensar e sonhar ao mesmo tempo (BACHELARD, 1985). Aqui temos contato com um mundo que não foi feito em alfabeto, que não pode ser expresso em palavras. É um saber que dá forma a uma emoção, uma transferência de valor (DARDEL, 2011), valores de afetividade e interioridade.

3. Leve o tempo do verbo ir...

Ao percorrer espaços de São Cristóvão, nossos itinerários se mostraram qualificadores do mundo. Por meio deles apreendemos distâncias, posições, direções e declividades, que, se resumidas aos livros acadêmicos, não fariam sentido. Do texto ao itinerário, do eu ao nós, do *cogito* ao *cogitamos*. Participamos de uma vida na terra de modo recíproco. Pelos itinerários geográficos nos ocorre que o ser humano se realiza como tal em contato com o mundo, ao habitá-lo e ao torná-lo habitável.

Entre o trote e o salto, nossos itinerários abriram caminhos que manifestam o uso (TIBERGHIEEN, 2012). Neles, ação e percepção avançaram juntas, apreendendo o patrimônio na medida em que percorríamos São Cristóvão. Esse *tratado hodológico* foi fundamental na construção de um conhecimento fundado na experiência estética e na produção da presença do patrimônio. Presença, pois, está à nossa frente, ao nosso alcance, e produção no sentido de trazer à tona, não de fabricar (GUMBRECHT, 2010). Essa presentificação do ser poético do patrimônio – seja ele material ou imaterial, cultural ou natural, oficial ou extraoficial – fora revelado por nossos itinerários.

Ao buscar no movimento momentos de intensidade, a poética bachelardiana permitiu-nos abraçar o patrimônio que transparecia pela aparência e, muitas vezes, apesar da aparência. Assim, reconhecemos o patrimônio pela sua beleza absoluta, aquela que não varia de acordo com gosto ou preferência. Por isso, podemos dizer que o patrimônio excede sua presença material, ele exerce uma força de atração em nós, de desejo. Um patrimônio que ressoa em nós ao ressoarmos nele.

Finalmente, podemos dizer que o patrimônio é um modo de se aproximar, ou melhor, um modo de se relacionar, de estar-em-contato com lugares, objetos, pessoas, sentimentos e sonhos... no qual o ser humano é uma coisa só com o mundo e suas criações. Enquanto espectadores do patrimônio, não somos totalmente passivos. O patrimônio, assim como a obra de arte, requer um presenciador que o realize, que o conheça. Nesse momento o *co-nhecer* é verdadeiramente um *co-nascer*. Tal experiência é mais que um ato, é uma vocação. É o adentramento de uma realidade patrimonial que exige a nossa presença para ser. Uma experiência que só se realiza profundamente ao nos tornamos totalmente disponíveis. Assim, o patrimônio é encontrado quando encontramos o belo, o esplendor do verdadeiro. O reconhecemos pelo efeito do sentimento de desejo despertado em nós ao descortiná-lo.

Agradecimentos

Agradecimentos ao CNPq e à CAPES pelo auxílio financeiro que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa.

Referências

AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Martins, 1934.

ANDRADE, Carlos Drummond. Tempo-Arte do Brasil. In: TELLES, Augusto Carlos da Silva. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil**. 3. ed. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2008.

ANDRADE, Júlio. **The Baggios 10 anos depois**. Autor e intérprete: Júlio Andrade. Aracaju: Self-released, 2010.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lucia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel. São Paulo: DIFEL, 1985.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Remberto F. Kuhnen, Antônio da Costa e Lídia V. S. Leal. São Paulo: Nova Cultura, 1988a.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Trad. Remberto F. Kuhnen, Antônio da Costa e Lídia V. S. Leal. São Paulo: Nova Cultura, 1988b.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Trad. Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa-PT: Edições 70, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Trad. Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A terras e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria E. A. P. Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013a.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013b.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Trad. Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. 2016. 176 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2016.

CRUZ, Alda. **Pisa forte que este chão é seu!** [Folheto de cordel / Alda Cruz. Aracaju, 2016]

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRAGATA, Thiago. **Três Poesias Para Praça São Francisco**. 2010. Disponível em: < <http://thiagofragata.blogspot.com/2011/07/tres-poesias-para-praca-sao-francisco.html>>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

FRAGATA, Thiago. **São Cristóvão**: poética e xilogravada. Ilustrações Nivaldo Oliveira. Aracaju: Página 5, 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj; Unirio, 2003. p. 21-29.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.

GRATÃO, Lúcia Helena. Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. **Geograficidade**, v. 4, p. 4-15, 2014.

GUMBRECHT, Hans. **Produção da presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans. **Serenidade, presença e poesia**. Trad. Mariana Lage. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR.; Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-247.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geografias do porvir. A fenomenologia como abertura do fazer geográfico. In: SPOSITO, Eliseu et al. (Org.). **A diversidade da**

geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016. p. 451-466.

PAZ, Octavio. **A Busca do Presente**. Trad. Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SACRAMENTO, José. **O campo da fábrica nova**. 1980. Disponível em: <http://museuhsrgipe.blogspot.com.br/2014/06/futebol-foi-tema-de-roda-de-leitura.html>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

SILVA, Cleverton Costa. **Rio Paramopama:** história, problemas e soluções. 2009. Disponível em: <http://thiagofragata.blogspot.com.br/2009/11/rio-paramopama-historia-problemas-e.html>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

SILVA, José Lucio Batista. **Trabalho (Política) e Diversão nas Fábricas Têxteis de São Cristóvão** (1911-1980). 2009. Disponível em: <http://thiagofragata.blogspot.com.br/2009/04/projeto-sao-cristovao-conhecendo-nossa.html>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

SILVEIRA, Junot. **Ontem e Hoje** (Zeca Tenisson). 1988. Disponível em: <http://museuhsrgipe.blogspot.com.br/2014/06/futebol-foi-tema-de-roda-de-leitura.html>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

TIBERGHIEN, G. Hodológico. **Revista Valise**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 161-176, 2012.

Recebido em: 22/03/2020

Aceito em: 19/05/2020